

ESTUDO DA APROPRIAÇÃO DE UM FILME NA EDUCAÇÃO MÉDICA

Américo de Araújo Pastor Júnior¹

Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho²

Marcus Vinicius Pereira³

Resumo

Neste estudo investigamos a apropriação de um filme frequentemente utilizado na disciplina de psicologia médica dos cursos de medicina. Ao reconhecermos a autonomia de estudantes como espectadores, analisamos o filme e os sentidos produzidos pelos espectadores em sala de aula por meio da discussão após a exibição. Mesmo fortemente identificados com o protagonista, os estudantes foram relativamente autônomos na produção de sentidos e articularam suas experiências como espectadores com os tópicos estudados na disciplina de formação do profissional médico. A apropriação desse filme parece ter, em geral, atendido às expectativas de uso na disciplina.

Palavras-chaves: filme; estudo de recepção; educação médica.

Introdução

Na década de 1970, buscando atender às demandas da sociedade pela humanização da prática médica, começou a ser proposta uma série de transformações na formação do médico no Brasil. Partindo da crítica às abordagens médicas tradicionais caracterizadas como pouco humanizadas, positivistas, mecanicistas, tecnologicizadas, biologicizadas e descontextualizadas, a educação médica passa a ser pensada sob um enfoque do homem tomado em sua complexidade, o que inclui dimensões psicossociais (SANTOS e WESTPHAL, 1999; PAGLIOSA e DA ROS, 2008). Mais recentemente, as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) visaram responder tais demandas sugerindo, sobretudo, a

¹ Graduado em Programação Visual (Design), Mestre em Educação em Ciências e Saúde. Doutorando em Educação em Ciências e Saúde com bolsa do CNPq.

² Graduado em Cinema, Mestre e Doutor em Comunicação. Professor no Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

³ Licenciado em Física, Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e Doutor em Educação em Ciências e Saúde. Professor do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e docente permanente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências (PROPEC).

formação de profissionais com autonomia e discernimento para assegurar a integralidade da atenção, além da qualidade e da humanização do atendimento prestado aos indivíduos, famílias e comunidades (PERIM *et al.*, 2010). Outra ação envolveu a criação de disciplinas que, mediante a centralidade e fragmentação dos saberes estritamente biológicos, tinham a finalidade de contemplar conteúdos e discussões que as ciências biomédicas não contemplam, algumas criadas antes mesmo das DCN e presentes até hoje nos currículos de medicina.

A Psicologia Médica é uma dessas disciplinas, já que tem por objetivo a discussão da dimensão psicossocial da atenção, sobretudo o estudo das Relações Médico-Paciente (RMP) (MUNIZ e CHAZAN, 2010), se constituindo como espaço para aprendizado e reflexão a respeito dessas relações e para lidar com as diversas experiências suscitadas nos alunos durante o curso (AGARAKI e SPINK, 2009). A exibição de filmes e vídeos é uma estratégia pedagógica recorrente nessa disciplina, e, para os docentes, os filmes dramatizam situações cotidianas e se constituem como um meio de provocar discussão e problematizar a prática médica, além de suscitar reflexão sobre valores e atitudes (BLASCO *et al.*, 2005), possibilitando a apropriação de conteúdos de maneira reflexiva e consciente (VALDIVIA, MANSOLO e MEDINA, 2007).

Contudo, os argumentos citados anteriormente costumam incorrer em problemas quanto à sustentação teórica de seus pressupostos e quanto ao modelo comunicacional subjacente aos usos propostos. Para Worth (1981), há ausência de dados empíricos que sustentem conclusivamente os pressupostos apresentados na literatura como vantagens para o uso de vídeos em sala de aula, sendo sustentados na crença em uma universalidade e transparência da linguagem audiovisual em comunicar para diferentes públicos – crença em uma primazia psicológica e social das imagens sobre as palavras. Em boa parte dos estudos sobre o uso de audiovisuais na educação, há uma recorrência de pressupostos que tomam os alunos espectadores como receptores passivos diante dos discursos veiculados, cabendo-lhes apenas a compreensão dos conteúdos tal como imaginados pelos produtores. Para Hall (2003), esse modelo concebe a comunicação como um processo unilinear e unidirecional, com ênfase na transmissão da mensagem, relegando aos espectadores a passividade de receber as mensagens construídas pelos produtores/emissores, e, segundo esse autor, não é dessa forma que ocorre o processo comunicativo. Ele o define como algo multilinear e complexo, marcado pela negociação

de sentidos entre produtores e receptores, em que não há necessária identidade entre os significados pretendidos no momento da produção e os significados produzidos na recepção. Schrøder (2000) afirma que isso se dá porque a negociação envolve diferenças entre os contextos e referenciais socioculturais de produtores e espectadores.

Para além da efetividade de um aprendizado esperado e, considerando os estudantes como espectadores ativos, é importante conhecer os sentidos produzidos pelos estudantes e os recursos e discursos mobilizados para tal em aulas mediadas por filmes. Assim, considerando a especificidade do uso de filmes no ensino, em particular na disciplina de Psicologia Médica e do ensino-aprendizagem das RMP, investiga-se neste trabalho em que medida a apropriação do filme *Um Golpe do Destino* (UM GOLPE, 1991) filme nessa disciplina atende aos seus objetivos, por meio da análise conjunta da produção e da recepção por estudantes. Esse filme é um recurso citado recorrentemente em diversos estudos na literatura internacional para explorar questões como RMP, habilidades de comunicação, tristeza e luto, e questões transculturais na medicina (DARBYSHIRE e BAKER, 2012).

Embasamento Teórico

Os estudos culturais constituem o embasamento teórico desta pesquisa, mais especificamente os estudos de recepção em sua vertente inglesa. Segundo Schrøder *et al.* (2003), os estudos culturais acrescentam a dimensão social na qual os sujeitos em interação constituem conjuntamente as significações de sua experiência social cotidiana. Nesse sentido, os estudos de audiência (de recepção) produzidos nessa perspectiva envolvem tanto o estudo dos textos como tentativa de prescrição de leituras (conformadas por diferentes intenções e influências socioculturais), como o estudo das leituras efetivamente feitas pelos receptores desses textos, imersos em suas práticas cotidianas de produção de sentido.

Nessa linha, destaca-se o trabalho de Hall (2003) que compreende a comunicação como um processo marcado por circularidade, em que emissores e receptores produzem sentidos ativamente, referenciados diretamente por seu alinhamento ideológico. Assim, uma prática social é codificada em discurso significativo, circula, é consumida e decodificada em prática social novamente. Ao codificar uma prática social em discurso significativo, os produtores e receptores o fazem segundo seus referenciais de

conhecimento e suas intenções e objetivos de comunicação, buscando ao máximo prescrever que significados serão produzidos pelos receptores. Hall chama de significado preferencial essa tentativa de controle que os produtores tentam exercer na significação das mensagens pelos receptores, uma espécie de orientação “leia-me desta forma”. Entretanto, o significado preferencial nunca é totalmente bem sucedido, é apenas uma tentativa de hegemonizar a leitura da audiência, uma vez que a codificação pode até preferir, mas não pode prescrever ou garantir uma determinada decodificação.

Schrøder (2000) questiona a ênfase dada por Hall às questões ideológicas e critica a unidimensionalidade de seu modelo. Em resposta, desenvolve um modelo que amplia o proposto por Hall ao incluir dimensões subjetivas e objetivas das leituras, assim como dimensões de implicações das leituras, um modelo multidimensional de análise da recepção (SCHRØDER, 2000; 2007). Esse modelo é constituído por seis dimensões analíticas, das quais quatro são de leitura e duas de implicação. O grupo de leituras (motivação, compreensão, discriminação e posição) diz respeito às experiências subjetivas em que o significado é produzido em um contexto específico, situacional, enquanto o de implicação (avaliação e implementação) diz respeito a como esses sentidos produzidos a partir da leitura são usados como recursos para uma ação política em um contexto social, político e ideológico de significação social.

A dimensão *compreensão* diz respeito à forma como os espectadores entendem o material audiovisual, sob influência de contextos micro e macrossociais, e suas posições de leitura vão da divergência (polissemia total) à convergência (monossemia total). Já a dimensão de *discriminação* refere-se a como os espectadores podem adotar uma posição mais ou menos esteticamente crítica frente ao texto fílmico (imersão) e como e quanto uma leitura está caracterizada pelo nível de consciência do espectador sobre o caráter de construção e de artifício do produto audiovisual (distanciamento). Esta dimensão compreende dois eixos paralelos em *continuum*: um vai da não imersão à imersão total e outro do não distanciamento ao distanciamento total. A dimensão *posição* refere-se ao nível ideológico (subjetivo) do espectador, e está relacionada à atitude pessoal/subjetiva de aceitação, negociação ou rejeição do texto por parte do espectador. As dimensões *motivação*, *avaliação* e *implementação* não foram objetos de análise deste estudo.

Assim, Hall e Schrøder complexificam a teoria que explica os eventos comunicativos audiovisuais ao considerarem tanto as relações de poder entre emissores

e receptores como a relativa autonomia desses sujeitos em suas relações de produção de sentido. Tal perspectiva contribui para as pesquisas sobre usos de mídias na educação, já que permitem vislumbrar tentativas de controle e prescrições empreendidas em currículos, programas e conteúdos, por professores, produtores e textos nos processos de ensino-aprendizagem, ao permitir a análise do papel ativo dos espectadores dessas peças midiáticas.

Metodologia do trabalho

O contexto desta pesquisa é a disciplina Psicologia Médica do curso de medicina de uma universidade pública no Rio de Janeiro, tendo como sujeitos dois professores e 25 estudantes, esses em maior parte do sexo feminino e com média de 22 anos de idade. O estudo incluiu a análise fílmica do longa-metragem *Um Golpe do Destino* (UM GOLPE, 1991), o acompanhamento de um semestre de aulas da disciplina, a observação dos sujeitos durante a exibição do filme e a discussão subsequente. Desse modo, buscamos articular dados sobre o filme, as aulas e as leituras do filme produzidas pelos estudantes. Assim, o estudo considerou processos objetivos e subjetivos por meio dos quais emissores e receptores produzem sentidos, alicerçados nos conceitos de significado preferencial e em três dimensões de leitura – *compreensão, discriminação e posição* – do modelo multidimensional de Schrøder (2000).

A análise fílmica teve como objetivo inferir o significado preferencial e tem por base o modelo de Vanoye e Goliot-Lété (1994), segundo o qual analisar um filme é desconstruí-lo em suas partes, para, em seguida, reconstruí-lo e buscar a compreensão do todo da obra a partir da síntese das partes. A análise da discussão visou caracterizar a produção de sentido pelos estudantes como espectadores de filmes na sala de aula, e, para isso, as falas foram gravadas, transcritas e analisadas de acordo com a análise de conteúdo temática de Bardin (2009).

Análise e resultados

Estudo do filme

No filme, o protagonista Jack McKee, representado inicialmente como um profissional distante e frio, ainda que competente, é um bem-sucedido médico cirurgião que passa por profundas transformações ao receber um diagnóstico de câncer e se tornar

paciente de médicos como ele. Ao iniciar o tratamento, ele estabelece vínculos com pacientes que têm atendimentos ruins, repensando sua vida e prática profissional no sofrimento da doença. A narrativa é cronologicamente ordenada e ocorre sempre no tempo presente. A medida que o protagonista se transforma, os pacientes são caracterizados com maior profundidade. Ao apresentar Jack apenas como médico, apenas como paciente e, depois, alternando esses papéis, há forte indício de que ele aprende quando está na posição de paciente e, posteriormente, aplica esse aprendizado em sua atuação como médico. A oposição entre os dois perfis de médico – o de RMP humanizada e o de não-humanizada – constrói a argumentação da mudança de atitude de Jack. Esse movimento de um perfil a outro dá sentido à valoração dessas identidades.

Duas cenas da parte final do filme evidenciam o significado preferencial do filme. Primeiro, a cena em que Jack diz à sua médica que não será mais seu paciente e afirma que todo médico é (ou será) um paciente, e que é preciso mudar sua conduta para que não seja o tipo de médico que não deseja para si quando for paciente. Em outra cena, expressa essa ideia ao propor uma atividade aos seus alunos, revelando que, além de reconhecer que todo médico é um paciente e que deve ter uma conduta médica proporcional a que gostaria de receber, a melhor forma de aprender isso é estando na posição de paciente. Diante disso, conclui-se que o filme tem uma mensagem humanista aos médicos: todo médico é um paciente e deve experimentar a posição de paciente para ser um médico melhor, mais humano, mais próximo das pessoas.

Estudo da recepção

Foram observadas 15 aulas, que eram sempre divididas em uma parte inicial expositiva e uma parte final de discussão entre os alunos, e voltaram-se, principalmente, à valorização das habilidades comunicativas dos médicos e reconhecimento dos diversos determinantes socioculturais como principais meios de produção de uma boa RMP. Isso se deu por meio da exposição de conceitos, exemplificação de casos vivenciados por professores e utilização de vídeos que também cumpriram o papel de ilustrar os conceitos apresentados. Os alunos demonstraram-se preocupados com uma melhor indicação da aplicabilidade prática das teorias apresentadas à prática médica.

O filme objeto deste estudo foi exibido na última aula da disciplina, seguido da discussão com dois professores e 25 estudantes que durou meia hora. Alguns alunos

compareceram com sacos de pipoca e estavam animados, criando um clima mais similar a uma sala de cinema. A descontração foi dando lugar ao silêncio que acabou tomando conta conforme era exibida a face mais dramática do filme, e reações de choro foram notadas principalmente nas cenas finais.

As falas dos dois professores predominaram ao enunciar questões, enquanto os estudantes pouco discutiram aspectos do filme entre si. Apenas sete estudantes participaram de fato da discussão, quando os professores faziam ponderações que pareciam tentar conectar o filme a algum tópico estudado, mas as falas dos estudantes foram além das expectativas dos professores. Desse modo, é possível dizer que a dinâmica de discussão do filme foi fortemente mediada, conduzida e controlada, mas ainda assim houve espaço para a participação ativa de alguns estudantes.

Quanto ao modelo multidimensional de Schrøder, as leituras de *compreensão* dos estudantes convergiram com o significado preferencial, ou seja, com as intenções dos produtores, e foram negociadas em relação às intenções dos professores, sobretudo quando o professor perguntou que mudanças o protagonista apresentou ao longo do filme, e os estudantes responderam:

Estudante 1 – *Ele muda de comportamento... As atitudes dele como... não só como paciente, entende? Mas de todo mundo que está à volta dele... ele fica mais humano...*

Estudante 3 – *Fica mais atencioso...*

Estudante 4 – *Humanizado, mais sensível.*

Estudante 6 – *Quando ele fica no lugar do paciente, ele vê que não é bom ser tratado como ele tratava...*

Estudante 3 – *Ele começou a ter empatia, né?*

Estudante 8 – *Pra mim, naquela hora em que o médico coloca o nome dele dentro da pasta, eu entendo que ele é claramente o cara que está mais assim vulnerável... Foi ali que ele viu que está vulnerável e começou a perceber que o médico também é o ser humano...*

Estudante 3 – *Ele não conseguia ver a pessoa que estava ali (na mesa cirúrgica), agora não... E o jeito dela passar a notícia para o paciente com tumor de laringe no mesmo instante.*

Para os estudantes, o filme retratava um médico frio e distante que, ao se ver no lugar do paciente, se sentiu vulnerável e percebeu a distância que mantinha das pessoas, levando-o à transformação em sua vida pessoal e profissional. Isso teria se dado após ele provar o “gosto amargo de seu próprio remédio”, evidenciado pela diferença entre as RMP desenvolvidas no início e no fim do filme, o que reforça a convergência com o significado preferencial.

Na dimensão *discriminação*, em relação ao eixo de imersão, nota-se que os estudantes não apontaram clara distinção entre o universo fílmico e aquilo que consideram realidade. Quando indagados se as situações apresentadas no filme poderiam ocorrer na vida real, além de fazerem aproximações entre seu cotidiano e o filme, discutiram o tempo todo como se o filme fosse “a realidade”, como se eles estivessem avaliando a prática de médicos reais. Quanto ao eixo de distanciamento, houve um total não distanciamento dos espectadores no universo fílmico apresentado.

Estudante 1 – *Um médico ou estudante de medicina que passa pela situação de ser paciente com certeza tem uma prática médica diferenciada. Muitos médicos têm pouco tato para lidar com os pacientes.*

Estudante 4 – *Sempre quando demoramos a ser atendidos na emergência, no momento que o médico nos recebe, ele normalmente fala “dia cheio” ou algo similar, assim como acontece no filme. Essa frase é uma tentativa de justificativa ou de retirar dele a responsabilidade pelo atraso.*

Estudante 5 – *Claro, no dia-a-dia podemos acabar “sistematizando” muito as relações e acabar, por exemplo, se referindo aos pacientes com pressa e, mentalmente, pela doença (hoje a “vó com câncer de mama vem aí”). (“desculpe a demora, dia cheio”)*

Nas cenas em que são desempenhadas RMP ruins e aquelas em que os médicos viram pacientes pareceram ter provocado considerável imersão dos espectadores por apresentarem situações relativamente familiares, espaços da obra fílmica que os estudantes parecem ter frequentemente “habitado” durante sua experiência espectral. A partir desses espaços, os estudantes criticaram as condutas dos médicos, se aproximaram e “vivenciaram” a perspectiva dos pacientes. As duas últimas falas destacadas anteriormente para exemplificar a dimensão *compreensão*, dos estudantes 8 e 3, também exemplificam a dimensão *discriminação*.

A dimensão *posição* foi caracterizada com base nas falas dos estudantes que destacaram a falta de compromisso de alguns médicos no filme, a relação desigual de poder entre médicos e pacientes e como o médico deve tratar um paciente, evidenciando a crítica ao perfil de médico frio apresentado pelo filme. Houve uma tendência à aproximação com os médicos de boa RMP. Houve maior aproximação com o papel desempenhado pelo protagonista no fim da estória e distanciamento na etapa inicial.

Estudante 1 – *Ele tratava com frieza, não pensava nas dificuldades que os pacientes poderiam enfrentar. Ela muda ao longo do filme, já que ele se coloca no lugar dos pacientes que ele tratava.*

Estudante 5 – *Inicialmente era uma relação “fria” e distanciada. Ao longo do filme, durante seu adoecimento, o médico, como paciente, foi capaz de se colocar no lugar do outro e, com o tempo, transformou sua relação para uma relação mais harmoniosa e acolhedora.*

Estudante 8 – *A relação é inicialmente pouco humanizada. Essa relação muda ao longo do filme, após a nova experiência do cirurgião como paciente do hospital onde trabalhava. A visão de paciente deu ao cirurgião a oportunidade de perceber as lacunas na relação médico-paciente.*

As características conferidas pelos espectadores ao protagonista explicitam uma leitura de aceitação da perspectiva ideológica, ou seja, convergência com o significado preferencial. Essa adesão ao significado preferencial do filme conseguiu até mesmo superar a tentativa de controle empreendida pelo professor que, na discussão, fez ponderações que levaram a uma leitura negociada nessa dimensão.

Considerações Finais

O significado preferencial do filme, de modo mais amplo, indica que todo médico é uma pessoa que deve considerar os pacientes também como pessoas, valorizar suas histórias, culturas e subjetividades para, assim, desenvolver uma RMP mais humanizada. Para a construção da estória e do significado preferencial foram determinantes as construções dos personagens, a ordem de apresentação dos eventos, as mudanças pelas quais passa o protagonista e as reflexões enunciadas ao final.

O estudo de recepção permitiu caracterizar as leituras dos estudantes como convergentes ao significado preferencial na dimensão *compreensão*, imersas e não distanciadas na dimensão *discriminação* e, na dimensão *posição*, de aceitação do posicionamento ideológico defendido pelo filme. A forte imersão e o não distanciamento parecem ter sido determinantes para as produções das leituras, resultados que já indicam considerações importantes sobre a não linearidade do processo comunicativo e educativo com filmes.

As falas dos estudantes sobre “o gosto amargo de seu próprio remédio” em relação ao protagonista do filme revelaram uma forte coerência entre o universo fílmico e aquilo que eles consideram ser a realidade, principalmente com relação à prática médica, ao passo que houve muitos momentos em que suas falas pareciam emergir do universo representado no próprio filme. Ficou bem clara nas leituras dos alunos espectadores uma forte identificação com o protagonista, sobretudo no que diz respeito à RMP.

É possível afirmar que a apropriação do filme atendeu aos objetivos da disciplina Psicologia Médica, uma vez que as leituras dos estudantes indicaram que a crítica à comunicação desenvolvida pelo perfil médico criticado no filme, e na disciplina, foi central – crítica esse objeto de estudo frequente nas aulas dessa disciplina.

O uso de filmes em sala de aula não é uma tarefa simples e envolve expectativas e resistências dos sujeitos envolvidos. Apesar das leituras terem ocorrido em maior parte dentro do significado preferencial, os estudantes demonstraram-se ativos na recepção do filme e se posicionaram com certa autonomia em relação a ele e à discussão subsequente. Nesse sentido, argumentos gerais sobre as potencialidades das apropriações de filmes no ensino e na aprendizagem não podem ser tomados como garantidos, carecendo de investigação.

Referências

- ARAGAKI, S. S.; SPINK, M. J. P. Os lugares da psicologia na educação médica. *Interface*. n.13, v.28, p.85-98, 2009.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, LDA. 2009.
- BLASCO, P. G.; GALLIAN, D. M. C.; RONCOLETTA, A. F. T.; MORETO, G. Cinema para o estudante de medicina: um recurso afetivo/efetivo na educação humanística. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v.29, n.2, p.119-128, 2005.
- DARBYSHIRE, D.; BAKER, P. A systematic review and thematic analysis of cinema in medical education. *Medical Humanities*, v.38, n.1, p.28-33, 2012.
- HALL, S. Reflexões sobre o modelo de Codificação/Decodificação (entrevista com Stuart Hall). In: SOVIK, L. org. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Unesco, p. 353-386, 2003.
- MUNIZ, J. R.; CHAZAN, L. F. Ensino de psicologia médica. In: MELLO FILHO, J. *et al. Psicossomática hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.
- PAGLIOSA, F. L.; DA ROS, M. A. O relatório Flexner: para o bem e para o mal. *Brasileira de Educação Médica*, v.32, n.4, p.492-499, 2008.
- PERIM, G. L.; ABDALLA, I. G.; AGUILAR-DA-SILVA, R. H.; LAMPERT, J. B.; STELLA, R. C. R.; COSTA, N. M. S. C. Desenvolvimento docente e a formação de médicos. *Brasileira de Educação Médica*, v.33, n.1, supl.1, p.70-82, 2010.
- SANTOS, J. L. F.; WESTPHAL, M. F. Práticas emergentes de um novo paradigma de saúde: o papel da universidade. *Estudos Avançados*, v.13, n.35, p.71-88, 1999.
- SCHRØDER, K. C. Making sense of audience discourses: Towards a multidimensional model of mass media reception. *European Journal of Cultural Studies*, v.3, n.2, p.233-258, 2000.
- _____. Media Discourse Analysis: researching cultural meanings from inception to reception. *Textual Cultures: Texts, Contexts, Interpretation*, v.2, n.2, p.77-99, 2007.
- SCHRØDER, K.; DROTNER, K.; KLINE, S.; MURRAY, C. *Researching Audiences*. London: Hodder Arnold, 2003.

VALDIVIA, P.; MANSOLO, A.; MEDINA, M. El video como medio de enseñanza: Universidad Barrio Adentro. Rep. Bolivariana de Venezuela. *Educación Médica Superior*, v.21, n.2, 2007.

UM GOLPE do destino. Direção de Randa Haines. EUA: Touchstone Pictures Studio, 1991. (122 min.), DVD, son., color. Legendado.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papirus, 1994.

WORTH, S. The Uses of Film in Education and Communication. In: GROSS, L. (ed.). *Studying Visual Communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981. p.108-133.

Recebido em abril 2016

Aprovado em junho 2016